

## **A SUPERSTIÇÃO EM ATLETAS ESCOLARES DE MINAS GERAIS: um olhar a luz da psicologia do esporte**

**Douglas ELEOTERIO<sup>1</sup>; Rafael Castro KOCIAN<sup>2</sup>;**

### **RESUMO**

A superstição é um fator comum no cotidiano das pessoas, sendo que rotineiramente nos deparamos com comportamentos diversos, tais como: ter amuletos, não passar embaixo de escadas, usar roupa da cor predileta, entrar em um local com a perna direita, etc. No âmbito esportivo diversos comportamentos supersticiosos se repetem, sendo que uma investigação sobre o comportamento dos atletas mostra-se necessária para subsidiar o trabalho psicológico dos treinadores. Dessa forma, o objetivo do trabalho foi verificar a superstição em atletas escolares durante os Jogos dos Institutos Federais de Minas Gerais (JIFEM). Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa e como instrumento de coleta de dados utilizamos um questionário com questões mistas. A amostra foi composta por 186 atletas, com idade variando de 14 a 21 anos, participantes do JIFEM no ano de 2012 na cidade de Muzambinho-MG. Deparamos que 33 % acredita que algum tipo de superstição e 55% acreditam que o rezar interfere no resultado final da partida. Os resultados revelam que uma grande parcela acredita em superstição e uma quantidade significativa acredita que o rezar interfere no resultado final da partida, sendo assim de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado para a psicologia do esporte.

### **INTRODUÇÃO**

Diversas práticas supersticiosas fazem parte do cotidiano das pessoas. A escolha da cor da roupa, o trajeto a ser feito, passar ou não passar embaixo de escadas, etc., tudo isso são crenças que fazem parte do senso comum sendo que muitas vezes são transmitidas de geração para geração sem haver um questionamento racional sobre as ações desempenhadas. Diante disso, vale realizar uma reflexão e um questionamento: será que essas crenças e práticas supersticiosas ocorrem no esporte?

Segundo Daolio (1998) o esporte é uma representação da vida cotidiana e portanto, as crenças e a superstição invadem os espaços de práticas esportivas, tais como as quadras,

---

<sup>1</sup> Discente do curso de educação física, bolsista do PIBIC do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG, email: [doug\\_elt@hotmail.com](mailto:doug_elt@hotmail.com)

<sup>2</sup> Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Movimento (GEPPEM) e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho /MG, email:; [rafaelkocian@gmail.com](mailto:rafaelkocian@gmail.com)

campos, piscinas, pistas, etc. Quando consideramos que os treinamentos para as práticas competitivas esportivas devem ser embasados pelos conhecimentos científicos, como se comportaria um atleta ou um treinador que atribui o sucesso ou o fracasso da execução da tarefa a sorte ou ao azar?. Certamente essa circunstância geraria um importante conflito no trabalho a ser desenvolvido.

O objetivo do trabalho é verificar se os atletas escolares participantes dos JIFEM, possuem algum tipo de superstição e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. O trabalho justifica-se na premissa de que a superstição por parte dos participantes do esporte é algo marcante na atual sociedade e que merece uma atenção maior da comunidade científica, uma vez que pouco se estudou sobre o fato e, de certa forma, é necessária produção de conceitos que ajude aos envolvidos diretamente com o esporte, atletas, treinadores, etc., a ter uma proposta de trabalho em psicologia do esporte.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Os encaminhamentos do presente trabalho passam obrigatoriamente por uma discussão da classificação dos jogos esportivos, para isso podemos utilizar a ideia de Caillois (1986), que divide os jogos em quatro categorias diferentes: *Agon*, que são jogos coletivos ou individuais de competição e disputa de habilidades físicas e intelectuais; *Ilinx*, jogos que causam ou despertam vertigem e alterações em estados emocionais dos seus praticantes; *Mimicry*, jogos de interpretação cênica despertando o simulacro ou o gosto por uma personalidade alheia, e *Alea*, que são jogos aleatórios de sorte ou azar, onde há renúncia da vontade e participação direta em benefício de uma espera ansiosa e passiva do destino.

Focamos nossa pesquisa nos jogos *Agon* e *Alea*, justamente para fazer a reflexão sobre a superstição. Podemos ilustrar com um exemplo desta situação, um jogo de futebol onde um jogador vai executar a cobrança de um pênalti. O sucesso ou fracasso da cobrança estão diretamente ligados as habilidades do cobrador da penalidade e do defensor. O método da cobrança, envolvendo força, direção, altura com que a bola será projetada ao gol, combinados com o método escolhido pelo goleiro para executar a defesa (saltar a direita, esquerda, ficar ao centro, observar o pé de apoio do cobrador, etc.) serão os determinantes para que uma torcida ou outra comemorem o resultado da cobrança. Curiosamente ouvimos muita gente, baseados no senso comum, dizer a disputa de pênaltis no futebol acaba sendo uma loteria, ou seja, é sorte ou azar. No entanto, devemos considerar que a superstição não só faz parte da cultura brasileira, mas também da cultura esportiva, fazendo com que muitos acreditem que somente a devoção e o apego à certas crenças resolvam o problema de uma modalidade. Até onde o atleta escolar, acredita que o jogo é apenas uma questão de sorte ou azar? Até onde ele acredita que sua crendice ou superstição são determinantes?

Diversas histórias são contadas diariamente na mídia mostrando que muitos atletas, treinadores, torcedores têm algum tipo de superstição e acreditam que isso pode auxiliar no rendimento da equipe ou do atleta, na obtenção de um resultado favorável. Para Toledo (2002), a superstição é uma crença em algo que não se adequa a uma lógica formal, racional ou científica e que normalmente se baseia em tradições populares ou criações simbólicas individuais estabelecidas e relacionadas com um acontecimento de sucesso ou fracasso, como por exemplo, o fato de um esportista utilizar sempre a mesma cor de roupa.

Um bom exemplo prático é do ex-jogador e técnico de futebol, Mário Jorge Lobo Zagallo, que sempre atrela o sucesso do seu trabalho ao número 13 e sempre tenta utilizar esse número nos jogos em que participa, seja na camiseta, seja contando o número de letras dos nomes das equipes envolvidas, etc. Outros exemplos de atletas profissionais são citados por Goldsmith (2012), tais como o do campeão de natação Michael Phelps, que repete seu ritual antes da prova, ouvindo música, retirando os fones após a chamada, girando os braços três vezes e subindo o bloco sempre com o pé direito. A tenista Serena Williams bate cinco vezes a bola ao chão antes de projetá-la ao saque, exatamente cinco para dar sorte. A autora ainda cita que dois estudos alemães demonstraram a superstição em não atletas. Nos primeiros estudos, pessoas aleatoriamente eram chamadas para tacar uma bola de golfe. Metade dos participantes recebia o que era chamada de bola da sorte, a outra metade uma bola comum. Os resultados de sucesso foram predominantes nos que utilizaram as bolas da sorte. No segundo estudo, os participantes deviam levar um amuleto da sorte para o dia do experimento. Durante o jogo, os amuletos foram confiscados de metade dos participantes de forma aleatória. O rendimento dos que tiveram seus amuletos retirados caiu bruscamente.

Segundo Daolio (1998), muitos treinadores brasileiros são contraditórios, pois atribuem mais sucesso a superstição do que ao trabalho por ele desenvolvido, tecnicamente, fisicamente e taticamente. Para Kocian (2009), dentro do ambiente de concentração esportiva encontramos muitas vezes um momento exclusivo para o desenvolvimento das crenças e rituais que visam trazer bons fluídos durante a partida. Curiosamente esse momento deveria ser de reflexão a respeito da partida que esta por vir, acaba sendo um espaço de cerceamento da liberdade dos atletas e de práticas supersticiosas individuais e em grupo.

Daolio (2005) afirma que, para compreender esse fenômeno é preciso buscar nas ciências humanas, especialmente na antropologia social, pois estudar o futebol e todas as crenças a ele relacionadas é estudar o povo brasileiro, uma vez que as histórias de ambos se confundem e se entrelaçam. Em uma pesquisa de 1993 Daolio constatou que muitos atletas negavam categoricamente que eram supersticiosos, porém, no decorrer das entrevistas realizadas e da observação do trabalho, notou que muitas práticas supersticiosas cercavam desde o treinamento até os jogos.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Baseado na ideia de Rampazzo (1998), utilizamos de questionários para a coleta de dados. O instrumento era composto de questões mistas e um cabeçalho de identificação. O questionário é um instrumento para coleta de dados e possui uma determinada ordenação de perguntas, estas devem ser respondidas por escrito, devendo garantir o anonimato dos sujeitos e sem a presença do entrevistador. Além disso, permite liberdade para as respostas em razão do anonimato e a não presença do pesquisador, há tempo hábil para responder em horários favoráveis conforme a preferência do sujeito, obtenção de respostas precisas e podendo atingir, simultaneamente, um bom número de pessoas. Nossos sujeitos eram atletas em idade escolar participantes dos Jogos dos Institutos Federais de Minas Gerais (JIFEM) da rede federal de educação que ocorreu na cidade de Muzambinho/ MG. Antes de responder, os atletas preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando os dados obtivemos 186 participantes, sendo, 65 participantes do sexo feminino (34,9%) e 121 do sexo masculino (65,1%), com idade entre 14 e 21 anos, sendo a média de idade de 17 anos. Com relação a modalidade praticada obtivemos: Basquetebol (13,4%), Futebol (26,3%), Handebol (37,1%) e Voleibol (9,7%) e três modalidades esportivas individuais: Atletismo (5,9%), Xadrez (3,8%) e Tênis de mesa (3,8%). Abaixo segue tabela com a caracterização de nossos sujeitos.

**Tabela 1: Perfil dos Participantes**

Participantes			Modalidade Praticada			Sexo			Tempo de Atuação		
Idade	Nº	%	Modalidade	Nº	%		Nº	%		Nº	%
14	2	1,1%	Atletismo	11	5,9%	Feminino	65	34,9%			
15	20	10,7%	Basquetebol	25	13,4%	Masculino	121	65,1%			
16	47	25,3%	Futebol	49	26,3%	<b>Total</b>	<b>186</b>	<b>100%</b>			
17	69	37,2%	Handebol	69	37,0%	<b>Tempo de Atuação</b>					
18	17	9,1%	Voleibol	18	9,8%	Até 2 anos	37	19,90%			
19	14	7,5%	Xadrez	7	3,8%	De 2 a 4 anos	74	39,90%			
20	13	7,0%	Tenis de Mesa	7	3,8%	De 5 a 9 anos	36	19,30%			
21	4	2,1%	<b>Total</b>	<b>186</b>	<b>100%</b>	De 10 a 17 anos	26	14,00%			
<b>Total</b>	<b>186</b>	<b>100%</b>				Sem Resposta	13	6,90%			
						<b>Total</b>	<b>186</b>	<b>100%</b>			

Após o cabeçalho inicial, o questionário trazia as questões abertas e fechadas. A primeira questão respondida pelos atletas escolares foi: Você possui algum tipo de superstição? Qual? Foram obtidos os seguintes resultados:

**Tabela 2: Superstição dos atletas antes da partida e os tipos de superstição.**

Superstição Antes da Partida			Tipos de Superstição		
Sim	62	33,3%	Oração	32	51,6%
Não	124	66,7%	Entrar com o Pé direito	7	11,3%
<b>Total</b>	<b>186</b>	<b>100,0%</b>	Acessórios	7	11,3%
			Escutar Música	5	8,1%
			Vestimenta	4	6,4%
			Outros	7	11,3%
			<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>100%</b>

Conforme os dados apresentados, verificou-se que 33,3% dos atletas possuem algum tipo de superstição, ou seja, boa parte dos atletas acreditam em alguma superstição no esporte, um número muito significativo, pois é de extrema relevância desenvolver mais trabalhos para que não fique presos somente na superstição. Dentre os sujeitos que responderam sim, 32 (51,6%) responderam oração como sua superstição destacando a fala “faço sinal da cruz” (sujeitos: 1;8;34;86). Isso evidencia a fala de Daólio (2005), onde a superstição e a religião se misturam. Sete sujeitos (11,3%) responderam entrar com o pé direito como sua superstição, Seguindo as respostas obtivemos: sete sujeitos responderam Uso de Acessórios (11,3%) como uma superstição, dentre os acessórios, estão (colar, pulseira, brinco), quatro sujeitos (6,4%) responderam vestimenta, ressaltando um fato curioso na fala “uso a mesma meia suja, do jogo passado se me deu sorte” (sujeito 60), cinco sujeitos (8,1%) responderam ouvir música antes do jogo como sua superstição e outros tipos de respostas totalizando (11,3%) das superstições apresentadas.

Na segunda questão foi perguntado: De forma geral sua equipe tem superstição? Sim ou não e se sim, qual? . Obtivemos os seguintes resultados:

**Tabela 3: Equipes com superstição de forma geral e as superstições das equipes**

<b>Equipe tem alguma superstição, de forma geral</b>			<b>Superstições das equipes</b>		
Sim	64	34,4%	Religião	41	64,0%
Não	103	55,4%	Grito de Guerra	10	15,7%
Sem Resposta	19	10,2%	União dos pés	2	3,1%
<b>Total</b>	<b>186</b>	<b>100%</b>	Outros	11	17,2%
			<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100%</b>

Após a tabela, analisamos os dados coletados e verificamos que 103 sujeitos (55,4%) responderam que sua equipe não possui superstição de forma geral, porém, houve um numero de extrema importância, sendo 64 sujeitos (34,4%) responderam que de forma geral a equipe possui superstição, dentre os que responderam que possui 41 sujeitos (64,0%) condiz sua origem com a religião, assim podemos notar que muitos atletas vinculam a religião como superstição, 10 sujeitos (15,7%) responderam que a superstição é o grito de guerra, dois sujeitos (3,1%) responderam que a superstição é a união dos pés e 11 sujeitos (17,2%) responderam outras respostas como “não sei ” (sujeito 30), ressaltando um fato curioso na fala “ necessidades fisiológicas” (Sujeito 45 e 49), outra resposta distinta “passar perfume” (sujeito 111). Dentre os questionários analisados 19 sujeitos (10,2%) não responderam.

A terceira questão foi perguntado: Você acredita que rezar interfere no resultado final da partida? Com as seguintes variáveis: Sim ou Não, porque? Sendo que podia obter mais que uma resposta. Obtivemos os seguintes resultados:

**Tabela 4: Interferência do rezar no resultado final da partida**

<b>Interferencia do rezar no resultado final da partida</b>			<b>Respostas</b>	
			<b>Nº</b>	<b>%</b>
Sim	120	64,5%	24	19,2%
Não	63	33,9%	23	18,4%
Sem Resposta	3	1,6%	22	17,6%
<b>Total</b>	<b>186</b>	<b>100%</b>	16	12,8%
			10	8%
			8	6,4%
			10	8%
			12	9,6%
			<b>125</b>	<b>100%</b>

Com base nos dados da amostra, observa-se que: 120 sujeitos (64,51%) responderam que acreditam que o fato de rezar interfere no resultado final da partida, dentre esses 24 sujeitos (19,2%) justifica que obtém confiança, 23 sujeitos (18,4%) justifica a fé em Deus acima de tudo, assim como, 22 sujeitos (17,6%) justifica que motiva para vencer e relacionado a segunda resposta 16 sujeitos (12,8%), uma das explicações um pouco Libânio (2004) diz que a fé é um ato pelo qual nos entregamos, numa atitude de confiança, a uma realidade ou a alguém. O fato curioso é que muitos atletas respondem que não possuem superstição, porém eles acreditam que o próprio rezar interfere no resultado final da partida.

## **CONCLUSÕES**

Após o análises e discussão dos dados coletados, podemos concluir que dentro desse universo pesquisado, o fator superstição é importante nos atletas escolares, tanto na pratica quanto mais ainda na crença de que efetivamente o fator rezar pode alterar o resultado final da partida. Assim como exposto na literatura é impossível dissociar religião de superstição, conforme apresentados nos dados coletados. Sugerimos, ao término deste trabalho, que os profissionais das ciências do esporte iniciem um trabalho voltado para a psicologia do esporte, especificamente a questão da superstição e o esporte e a relação da religião com a superstição.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- CAILLOIS, Roger. **Los juegos y los hombres, la máscara y el vértigo**. México: Fondo de Cultura Economica, 1986.
- CAPITANIO, A. M. **Educação através da prática esportiva: missão impossível?** Dissertação de Mestrado - USP, São Paulo, 2005.
- DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, J. (org.) **Futebol, cultura e sociedade**. 1ª edição. Campinas: Autores Associados, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Contradições do futebol brasileiro. Lectures Ed. Física y Deportes, 3 (10)1998**. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd10/daolio1.htm>>. Acesso em 1/5/2014.
- GOLDSMITH, B. Superstições ajudam ou atrapalham os atletas? **Jornal Estado de São Paulo**, São Paulo, 27 julho 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,supersticoes-ajudam-ou-atrapalham-os-atletas,906745,0.htm>> Acesso em 10 de maio de 2013.
- KOCIAN, R. C. **Concentração nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo: estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da Psicologia do Esporte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2009.

LIBÂNIO, J. B. **Fé**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ORLICK, T. **Vencendo a Competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica para os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. Lorena: Editora Stiliano, 1998.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**. 1ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, Fapesp, 2002.